

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

n. 18, n. 2

RACISMO E XENOFOBIA: dois lados da mesma moeda?

Leonardo FEIJÓ¹

Regina Glória Nunes ANDRADE²

Resumo

Aprofundando a questão do racismo dentro do contexto sócio-político e histórico da imigração, colocando em xeque a nossa herança escravocrata, buscamos dialogar com os conceitos de “xeno-racismo”, “racismo cultural” e “necropoder”. Então mesmo que os negros escravos não tenham sido imigrantes, os migrantes negros de hoje ainda sofrem com essa herança. A questão principal a ser abordada é o fato deles serem duplamente negados e excluídos (por não serem brancos e por não serem “patriotas”). Com isso, aprofundaram-se as ideias do racismo como herança transcultural/transgeracional, ao fazer um diálogo de Mbembe com Laurentino Gomes, dando exemplos da atualidade (com filmes, romances, fatos, dados e eventos sociopolíticos etc) e da história, como o emblemático caso de Machado de Assis (que era filho de imigrante; a mãe portuguesa Maria Leopoldina). O conceito de inconsciente e recalcamento social também é de suma importância para amarrar o debate, que discute a memória e a identidade de todo um povo renegado. Há outras comparações relevantes também, sobre os corpos dos escravos que desapareciam no mar e os migrantes contemporâneos que desaparecem pelas mortes em alto-mar (em oposição aos rituais fúnebres cuidadosos de faraós, por exemplo). Referências literárias, como o antológico poema de Castro Alves (um olhar de dentro) complementam a análise científica junto das análises das artes plásticas, como as pinturas do francês Baptiste Debret (um olhar de fora).

Palavras-chave: xeno-racismo, inconsciente social, necropoder, memória e identidade.

Abstract

This article develops the issue of racism within the socio-political and historical context of immigration, bringing to the light the difficult question about our slavery heritage. We discuss the concepts of “xeno-racism”, “cultural racism” and “necropower”. Therefore, even if black slaves were not immigrants, today's black migrants still suffer from this legacy. The main issue to be addressed is the fact that they are twice as denied and excluded (for not being white and for not being “patriots”). Herewith, the ideas of racism as a transcultural/transgenerational

1 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS-UERJ). Doutorando pelo programa Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (PPGTP-UFRJ). Email: leofeijo28@gmail.com

2 Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Titular do Departamento de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ).

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 18, n. 2 (2024). ISSN: 1517-7602

heritage are deepened along the topics – by creating a dialogue between Mbembe and Laurentino Gomes, giving contemporary examples from nowadays (with films, novels, facts, data and sociopolitical events, etc.). Furthermore, there is the emblematic case of Machado de Assis, who was the son of an immigrant; his mother was a portuguese woman called Maria Leopoldina. The concept of unconsciousness and social repression is also extremely important to tie up the debate, with the discussion of the memory and identity of renegaded people. There are other relevant comparisons too, about the bodies of slaves who disappeared at sea and contemporary migrants who also disappear on the high seas (as opposed to the careful funeral rites of pharaohs, for example). Literary references, such as the anthological poem by Castro Alves (a look from the inside) complement the scientific analysis alongside the (re)interpretation of the visual arts, like the paintings by Frenchman Jean-Baptiste Debret (a look from the outside).

Keywords: xenoracism, social unconscious, necropower, memory and identity.

Introdução

Assim como esse artigo, o ensaio de Faustino e Oliveira (2021) tenta conceitualizar a relação entre xenofobia e racismo ao introduzir o termo *xenoracismo*, proposto pelo romancista srilankês Ambalavaner Sivanandan, como uma xenofobia *racializada*. Basicamente, é um racismo “que não pode ser codificado por cores, dirigido também para brancos pobres”, e uma xenofobia “que traz todas as marcas do antigo racismo” – uma vez que são os imigrantes negros vindos do continente africano que mais sofrem psicossocialmente: “ao chegarem ao Brasil e se descobrirem negros – e, portanto, bestializados – aos olhos brasileiros”. É um conceito que se define pela discriminação racial, mas também vai além, sendo também uma negação política e jurídica, que demoniza, criminaliza e interdita os direitos humanos básicos internacionais, em prol de um projeto nacionalista que foca nas práticas excludentes de imigração. Por conta de um *necrocapitalismo*, “os migrantes se veem reduzidos à condição de mercadorias desvalorizadas”, pois são necessários para a economia global, mas dispensáveis enquanto seres humanos dotados de suas próprias culturas e desejos. Há também o conceito mais velado de “racismo pós-racial”, que não se assume como tal, e pode ser exemplificado pelo caso do *Brexit*, que foi direcionado a exclusão de uma multidão de “novos negros” trabalhadores, pobres e migrantes.

Seja qual for a terminologia, em ambos os casos, a dimensão temporal torna-se decisiva, sendo necessário saber como a memória das exclusões do passado se transfere para as do presente; resultado de um “processo cumulativo e plurissecular”, principalmente nos períodos de crise. Nacionalismo e racismo, ambos em evolução

progressiva – uma vez que não são um mero reflexo de estruturas arcaicas, mas da modernização racista – são termos que nos fazem entender como se dá a xenofobia na atualidade: preconceitos que perpassam por transformações sociohistóricas e reatualizam-se.

Outro termo que merece atenção para essa pesquisa, que se esforça em entender as especificidades do racismo contemporâneo; é o *neorracismo* cunhado pelo filósofo Étienne Balibar no livro “Raça, Nação, Classe” (2021), escrito com Immanuel Wallerstein. O conceito também é apreendido pela nomenclatura de “pós-racismo”, entendido aqui como uma espécie de *racismo cultural*. Especula-se que negros americanos, por exemplo, estariam menos vulneráveis do que negros haitianos ou árabes em fluxo migratório, tendo como base ainda as disparidades econômicas e sociais nesse sofrimento psíquico.

No livro “Americanah” (2013) de Adichie, a protagonista nigeriana relata que quando um africano se muda para a América, ele deixa de ser africano, e se torna um “negro”, sofrendo o tal do *racismo cultural*. Em outra passagem, a alterego da autora, que sempre falou inglês muito bem desde pequena, odiava a pronúncia rudimentar e anasalada dos americanos, mas por conta de diversos comentários xenofóbicos e racistas, ela treinou o sotaque americano ao desfazer-se do seu – sendo capturada numa imagem de si oposta daquela que queria ser: “além do deslocamento físico, ela estava se sentindo deslocada culturalmente. Ela havia passado tanto tempo fingindo ter um tom de voz e uma maneira de ser que não eram seus, que agora era difícil se lembrar de como era ser ela mesma” (p.191). Ifemelu se sente deslocada de si própria; mais do que uma estrangeira, ela causa e produz estranheza em ambas as culturas, sendo atravessada por olhares atravessados, e absorvendo para si esse Eu estranho através dos olhares (entre)cruzados. Desorientada pela incerteza de suas escolhas e deslocada pela instabilidade de um país hostil ela vê o mundo fora de foco: “estava envolto em gaze; Ifemelu podia ver a silhueta das coisas, mas nunca com clareza o suficiente, nunca o suficiente” (p.143).

No capítulo “O Regresso”, no qual Ifemelu retorna à Nigéria depois de viver 15 anos nos Estados Unidos, a protagonista se sente alienada e isolada, como se também não pertencesse mais ao país de origem: “Ela estava pensando em todas as vezes em que se sentiu excluída ou discriminada nos Estados Unidos. Ela estava

imaginando uma horda de pessoas sem rosto que estavam todas contra ela. Ela se sentia como se não pertencesse a lugar nenhum” (p.189). O sotaque é a transgressão da língua e a ocupação necessária do migrante como um incomodo na ordenação homogênea da cultura alheia. Como veremos em Clarice mais abaixo, o exercício de escrita da autora é uma forma dela tomar posse de uma realidade que a repele. Afinal, imigrar é viver em um país estrangeiro, ou é incorporá-lo para si? No Brasil, a política de aceitação de imigrantes também é seletiva e racista, ainda mais sabendo que a principal forma do migrante se inserir na cultura alheia é pelo trabalho, que opera sob uma lógica excludente, como pode ser visto nos relatos de Adichie. Esse artigo então pensa nos *artivismos* (arte com militância ativista) e nos pontos de resistência sociopolíticos, como alternativa de integrar o migrante em outra cultura, que por vezes é hostil e xeno-racista.

O artigo de Pauli et al (2021) conclui que no Brasil, a “estrutura social racista é condicionante para a inserção dos trabalhadores migrantes em condições precárias de trabalho, comprometendo sua inserção social” (p. 234). Assim como aponta o artigo acima e o citado agora, somos um país que se vende como “hospitaleiro” e inclusivo na crise migratória, mas não passa de puro marketing, pois na prática vemos os migrantes mais como problemas do que solução. Inclusive, “o medo do estrangeiro” (origem etimológica da palavra xenofobia) parece mover o termo “crise” nas mídias (redes sociais, jornais de grande veiculação, revistas etc) com mais importância do que qualquer outra terminologia; o que faz com que a noção conflituosa de tensão e caos sobreponha-se ao debate político integrativo. No Brasil, o que vemos na verdade, são indivíduos não integrados ao país; marcado como um Outro e um diferente que só traz dificuldades, enquanto os europeus trazem contribuições empreendedoras – aqui cabe a ironia de Steve Jobs ser filho de imigrantes Sírios, provando que a imigração diversificada é uma das maiores riquezas culturais e econômicas de uma nação.

O nazismo alemão e o fascismo italiano foram possivelmente a maior demonstração de xenofobia e racismo da história da humanidade e o movimento mais retrógrado culturalmente em termos sociopsíquicos. Seguindo essa lógica, a política de aceitação de imigrantes do Brasil é seletiva e racista, pelo não dito, negando as contribuições culturais africanas ou a vendo como ameaça e invasão, enquanto

valoriza a cultura europeia como erudita e superior. Se um é mais provável de ser vítima de exploração e submissão, o outro é elevado a uma posição mais erudita, voltado a trabalhos mais intelectualizados e menos braçais. “Percebe-se que no Brasil também existe um movimento transmigratório, tanto em relação à cor da pele quanto à etnia” (op, cit, p. 248), que operam a partir de tendências autoritárias, funcionando pela lógica dos ódios e dos afetos aos intelectuais, à universidade, à ciência etc. Desmistificar a tese do brasileiro cordial e hospitaleiro é uma forma de entender e combater a intolerância xenofóbica e racista (relativa tanto a cor quanto a etnia) que assola nosso país, através de *ativismos* e pontos de resistência sociopolíticos. Por isso, o próximo capítulo é dedicado a construção de identidades individuais e coletivas. Em prol de um projeto de nação mais inclusivo e igualitário.

“O imigrante, ao deixar seu país de origem, encontra diversos desafios no novo país, principalmente os relacionados à identidade, socialização e integração em diferentes culturas” (op, cit, p. 235), e é geralmente por meio dos grupos de trabalho, notadamente racista, que eles são inseridos. O que causa um paradoxo na tentativa de inserção em um sistema que dificulta ao máximo tal inserção, pois o racismo é uma institucionalização das hierarquias sociais, que faz parte da “divisão racial do trabalho”. Desse jeito, entende-se o racismo como o maior obstáculo enfrentado pelos imigrantes. No terceiro capítulo, veremos as produções artísticas como uma outra forma de inserção, fora da estrutura racista. Então, a racialização do trabalho aumentou a vulnerabilidade dos imigrantes em diferentes formas de exploração laboral: “à medida que aumenta a discriminação no trabalho, aumenta também a percepção de racismo” (op, cit, p. 247). A xenofobia, por conseguinte, trata-se de um racismo derivado do preconceito cultural, da discriminação racial, econômica e social ao migrante. Para ilustrar essas questões segue-se duas estrofes do “O Navio Negreiro” (1880), poema épico dramático de crítica política e social que integra a obra “Os Escravos” de Castro Alves (1847 – 1871). A estrofe final é um misto de revolta, tristeza e ironia ao assinalar que a bandeira emprestada “para cobrir tanta infâmia e covardia” era o pendão brasileiro...

Negras mulheres, suspendendo às tetas Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães: Outras moças, mas nuas e espantadas, No
 turbilhão de espectros arrastadas, Em ânsia e mágoa vãs! E ri-se a orquestra
 irônica, estridente... E da ronda fantástica a serpente Faz doudas espirais...
 Se o velho arqueja, se no chão resvala, Ouvem-se gritos... o chicote estala. E
 voam mais e mais (...) Senhor Deus dos desgraçados! Dizei-me vós, Senhor
 Deus! Se é loucura... se é verdade Tanto horror perante os céus?! Ó mar, por

que não apagas Co'a esponja de tuas vagas De teu manto este borrão? (p.3)

Nada pode estar indissociável do nível de desumanização que foi a escravidão. É preciso um olhar ao passado para entender a situação atual dos migrantes. O fim da escravidão no Brasil, por exemplo, via um processo ultraconservador, sendo o último do mundo, foi uma forma de moldar as condutas individuais das minorias migratórias, que perdura até hoje – como fantasmas que voltam a assombrar. É o que diz um dos famosos aforismos de Millôr Fernandes (1923 – 2012): “o Brasil tem um passado enorme pela frente”³, que reflete o racismo epistemológico e institucional que insiste em apagar as pessoas negras da história, seja suavizando, distorcendo ou banalizando os mais de três séculos de escravidão perpetuados no Brasil e mundo afora. A frase acima dialoga muito bem com a afirmação de Freud (1976): “A humanidade nunca vive inteiramente no presente. O passado, a tradição da raça e do povo, vive nas ideologias do superego e só lentamente cede às influências do presente, no sentido de mudanças novas; e, enquanto opera através do superego, desempenha um poderoso papel na vida do homem” (p. 217). É a partir dessa concepção de superego que Erich Fromm (1992) conceitualiza “a descoberta do inconsciente social” como se fosse uma “mente inconsciente da sociedade” (p.79). O autor elucubra que diversas convenções sociais internalizadas na sociedade permanecem fora da conscientização racional de um grupo de indivíduos.

Inconsciente Social no Contexto Migratório

Nesse contexto, os migrantes são um grupo de pessoas traumatizadas de forma coletiva, vindos de governos totalitários que não só produzem os severos traumas sociais que suas vítimas sofrem, como o silenciam. Silenciamento esse que com o tempo vira recalque. Por isso, que o inconsciente social também diz respeito as relações de poder estabelecidas entre os discursos, dispositivos de controle e disciplinarização. De acordo com Jung (2013), discípulo e prodígio de Freud (até certo ponto), o inconsciente social (diferente do coletivo) é um reservatório de pensamentos, sentimentos e memórias que são compartilhados por todos os membros de uma mesma cultura. Com isso, torna-se responsável pela nossa

3 https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/album/1539887428_664461.html#foto_gal_2 “o humor ácido e as duras críticas à situação política, social e econômica do Brasil” são as características que permeiam suas aquarelas e guaches.

conexão com os outros e com o mundo ao redor; através do senso de identidade, moralidades e valores partilhados como crença comum – essas podem conter também características preconceituosas e estereotípicas. Então, como na frase de Millôr que inicia esse capítulo, o racismo pode ser entendido como uma herança *transcultural* ou *transgeracional*, que por ser velado (tanto em níveis macro como micro), recalca-se num âmbito social, e não só individual. Democracias como a do Brasil, que possui um exército com pautas nacionalistas baseados no medo do não-semelhante (o negro, ao árabe, o indígena etc.), repetem histórias e narrativas xenofóbicas para usar o racismo contra imigrantes, numa rede internacional que não reconhece fronteiras. De acordo com Martins (2020), é “uma forma de criar o inimigo para criar o estado de exceção”, assim como cita Mbembe, afirmando

que os Estados liberais se transformam crescentemente em Estados de segurança baseados na fé e no mito [da democracia racial]. Em um Estado baseado na certeza, na fé, o perigo vem da dúvida, do questionamento (...) Uma das características do neoliberalismo, para o autor, é a ampliação do racismo sem raça baseado na religião e na natureza, na universalização da condição de humano-objeto ou objeto-humano, antes restrita ao escravo negro.

Relativizando as singularidades de cada um, os migrantes são indivíduos que compartilham uma mesma vivência dolorosa, numa espécie de memória coletiva. Apresentam experiências incompatíveis e insustentáveis com a racionalização consciente, fazendo com que evitem ao máximo a recordação dessas lembranças – através de mecanismos de defesa, resistências, denegação, projeção etc. Para usar um termo da obra de Ruppert (2018) “Quem sou eu numa *sociedade traumatizada*”, essas manifestações psíquicas são encontradas não só nas minorias de grupos étnico nacionais, mas em toda uma sociedade regida e controlada pelo trauma, como nas tensões entre Israel e Palestina, Coreia do sul e do norte, no muro de Berlim ou mais atualmente com a Ucrânia e Rússia. O autor se debruça sobre a teoria e terapia do *psicotrauma* em âmbitos individuais e sociais para analisar processos inter-relacionais que envolvam um grande número de pessoas, como no caso dos migrantes. Como no mito da caixa de pandora⁴, tais fenômenos sociais jogam no mundo uma série de angústias, aflições e outras dores emocionais, que são internalizadas pelas normas e recalçadas por mecanismos de defesa. Por conta das

4 O racismo se expande ao mundo junto de outros males e formas de preconceito. O mito também pode ser entendido como uma metáfora para processos migratórios, pois ao migrarem, eles sofrem diversos tipos de discriminação. Porém, ao fundo da caixa, o que resta após todo o mal sair, é a esperança.

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 18, n. 2 (2024). ISSN: 1517-7602

regras, convenções sociais ou outras características culturais; a conscientização desses substratos psíquicos inconscientes fica cada vez mais difícil de ser elaborado. Esse artigo usará o termo *recalque social* como forma de assimilação do conceito original.

Antes de mais nada, vejamos o conceito de filtro social que determina quais experiências são permitidas de chegar à consciência. Esse filtro, que consiste numa língua, numa lógica e costumes (ideias e impulsos tabus ou permitidos, respectivamente) é de natureza social. É específico em cada cultura e determina o inconsciente social (...). O recalque de certos impulsos e ideias tem uma função muito real e importante para o funcionamento da sociedade e, em consequência, todo o aparato cultural serve ao propósito de conservar intacto o inconsciente social. (Fromm, 1992, p. 80)

Cada cultura tem suas próprias lógicas de comportamento, hábitos, crenças e tradições, que acabam invariavelmente formando um filtro social. Esse filtro, tal como o individual (relativo às três instâncias psíquicas freudianas), reprime e recalque ideias que, por se tornarem abafadas, também tornam-se doloridas e insustentáveis. São essas ideias agoniantes à consciência que compõem o inconsciente social, e afligem o sujeito, sem que ele saiba direito porque sofre, já que não consegue discursar sobre as próprias dores. Como na falácia de Morgan Freeman, em um vídeo viral de 2006 no programa “60 minutes” na emissora americana CBS News, em que ele diz que a melhor forma de combater o racismo é não falando sobre o assunto. Porém, simplesmente “não falar sobre o racismo não faz com que ele [magicamente] deixe de existir”⁵, só faz a verdade inconveniente ser mais velada e recalçada, numa posição de mais aceitação, indiferença, conivência e perpetuação das estruturas racistas do que um combate através do silêncio. Além de relativizar, causar uma despolitização e um esvaziamento das lutas negras, também acarreta numa falta de envolvimento político e ausência de empatia por parte dos brancos. O racismo opera justamente em cima da invisibilidade social, de negar a humanidade do Outro, legitimando assim sua opressão pelo Estado e outras instituições de poder, como empresas, escolas, igrejas etc (dispositivos de poder que também afetam os migrantes). Então, discutir o racismo e colocar o assunto em evidência se torna cada vez mais necessário, por mais desconfortável que seja, é isso que esse importante capítulo se pretende fazer. Como o próprio Morgan assume: “A história negra é a história americana”. Uma não existe sem a outra.

5 oglobo.globo.com/cultura/morgan-freeman-apoia-dia-da-consciencia-negra-mas-muitos-brasileiros-preferem-ignorar-fato-entenda-25285131 Ao aderir ao movimento Black Lives Matter, o ator já declarou que mudou de opinião e não sustenta os mesmos pensamentos: “Sendo um contador de histórias, acho importante defender cada uma das vozes únicas”

A Herança Escravocrata no Contexto Migratório

Diante do que foi visto até agora, Laurentino Gomes em seu livro “Escravidão: v. 1” (2019) defende a tese de que existe um projeto nacional de apagamento da memória, e questiona do porque não há um grande museu da escravidão no Brasil, como há nos EUA, ou como o holocausto é tratado na Alemanha. Entender que a história é uma ferramenta psicossocial de construção de identidade, é entender que “Índios”, “negros” e “mestiços” surgem como *identidades coloniais* a partir da fundação da ideia de raça como categoria homogeneizante. Ou seja, o contexto da colonização cria não só o negro, como o branco também, porém, este último impõe seu modelo universal de sistemas de referência cultural inquestionável – desumanizando um e universalizando o outro. Por isso que o padrão identitário e racial é a branquitude, pois no fundo, o homem negro sempre será descrito através de sua negritude, mas o homem branco pode ser visto de forma genérica, como um homem. São diversos os autores que teorizam sobre a produção dessa “identidade colonial”, como Aníbal Quijano (2005) e Enrique Dussel (2018), inclusive como referência direta, há o trabalho de Dariva (2022) sobre a necessidade de *descolonizar* tais identidades, dando voz a saberes silenciados, invisibilizados e excluídos, construindo assim potências mais transgressoras e subjetividades menos subalternizadas. Essa assimetria abissal entre “conquistadores” e “conquistados”, entre os negros recém-alforriados e os luso-brasileiros, é explicitada através de Gomes (2019):

Joaquim Nabuco já dizia que não bastava acabar com a escravidão – também era necessário tratar de seu legado. É triste, mas isso jamais foi feito. Os escravos e seus descendentes jamais tiveram acesso à educação, terra e trabalho. Essa enorme massa da população brasileira, que é majoritária, não ganhou cidadania. Na verdade, tudo o que o Brasil fez foi se livrar da mancha da escravidão, que comprometia sua imagem internacional no fim do século 19. No entanto, o país abandonou sua população afrodescendente à própria sorte (p.181)

A citação acima nos remete a uma importante questão: Como transformar a população de ex-escravos em elementos constituintes da nacionalidade e da identidade brasileira quando eles sequer eram vistos enquanto sujeitos? Nessa reflexão há reflexos do racismo com a xenofobia, e um paralelo direto entre os negros filhos de escravos e os migrantes em situação de miséria. Imersos em espaços demasiadamente *racializados*⁶ e hostis, ambos precisam se localizar em um novo

6 <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2008-12-16/negros-sao-maioria-nas-favelas->

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 18, n. 2 (2024). ISSN: 1517-7602

referencial de mundo e humanidade, exercendo a atividade de ver-se a si mesmo. Traços, falas, sotaques, e origens que possuem um valor social negativo perante a homogeneidade racial devem ser “redescobertos”; demarcando suas devidas posições e espaços no mundo. Muitos migrantes de minorias étnicas são negligenciados de suas origens e culturas, sendo coibidos a aderir/adaptar um estilo de vida eurocêntrico, que não valida sua existência como um todo (deslegitima-se o saber sobre si próprio).

O filme venezuelano, “Pelo Malo” (2014), é um excelente exemplo desses conflitos. Conta-se a história de um menino migrante que cresce com a percepção de que seu cabelo crespo é “ruim” e feio, nutrindo assim, um sonho de fazer alisamento para a foto do colégio. Sua amiga também sofre com um pequeno sobrepeso, que a exclui do padrão de beleza das modelos que aparecem para ela em todas as mídias digitais. A mãe do protagonista também não aceita seu jeito afeminado ou sua sensibilidade artística, reproduzindo o mesmo machismo e opressões que sofre no trabalho. É um filme carinhoso sobre pessoas brutas; um amor deslocado e violento marcando a infância do personagem principal, que está numa fase crucial de sua vida, onde começa a formar sua visão de mundo e senso de self. Até que ponto o alisamento que o garoto tanto almeja é seu desejo e até que ponto é um padrão imposto pela sociedade? O filme mostra o cabelo crespo como ferramenta política a nível individual e social. De acordo com a diretora, Mariana Rondón, o filme teve diferentes reações ao redor do mundo: na França e em outras partes da Europa efervesceu debates em volta da sexualidade e gênero; enquanto que nos EUA se focou mais nas questões raciais. A produtora de eventos culturais, Isabel Seixas, traz um depoimento/relato que exemplifica muito bem o processo desse *recalque social*:

O maior conhecimento da memória afro-brasileira, e a conscientização de seus apagamentos, me reconectou com um processo individual de revisão da minha própria afrodescendência. Tive clareza de que fui orientada, ao longo da minha vida, a esbranquiçar minhas referências, origens e, conseqüentemente, minha identidade, repelindo por anos minha *autoimagem* negra⁷.

Para fortalecer o seu self, ela teve que se desapegar de certos preceitos sociais. Por isso, há tantos negros que não se reconhecem ou se afirmam como um, [segundo-estudo-do-ipea](#) “De acordo com o estudo, essa distribuição mostra a predominância da população negra em favelas, o que reforça a sua maior vulnerabilidade social”. A cor da pobreza brasileira é preta.

7 <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/grupos-trazem-a-frente-narrativas-negras-apagadas-das-cidades-brasileiras/#page3>: O Bexiga e o samba abrigaram “comunidades negras que ocuparam o espaço com suas práticas culturais e resistência (...) todo e qualquer espaço onde a juventude negra tenha liberdade de criar memórias” e identidades.

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 18, n. 2 (2024). ISSN: 1517-7602

e muitas crianças que veem sua negritude de uma forma pejorativa e negativa, precisando, portanto, ter seus corpos (re)encantados; seja pela terapia, literatura, arte, políticas públicas de apoio a cultura etc⁸. “Muitas pessoas não sabem que são afrodescendentes - ou não se interessam em saber - e pensam que são brancos. Historicamente, muitas pessoas começaram a ocultar familiares negros, e as famílias foram eliminando outros elementos da cultura africana”⁹. Essa *dessubjetivação* é uma herança do mito da *democracia racial*, onde a miscigenação se constrói dentro da *lógica do branqueamento* e não da negritude, e termos como *pardo* ou *escurinho* refletem um lugar de pouca consciência racial, confusão ou dificuldade de se posicionar socialmente. Diante do discurso do embranquecimento, o “pardo” seria a localização de si no *entre*; uma *terceira via* da negritude, aproximando-a da neutralidade (ou de um *não-lugar*) – historicamente ocupado pelo indivíduo branco, que não precisa refletir sobre sua dimensão racial. Messias Basques, doutor em antropologia pelo Museu Nacional explica que o *colorismo* é mais uma forma de segregação racial baseado em uma hierarquia determinada na pigmentação: “A partir da minha experiência de vida, de pessoa negra de pele clara, chego em lugares privilegiados da nossa sociedade, e não encontro no lugar pessoas negras de pele retinta, é como se nós encontrássemos oportunidades para indivíduos e não para uma coletividade”¹⁰. Com isso, enxergar e enunciar a própria negritude pode ser um processo doloroso, visto que não é condição essencial, mas construída socialmente (Moura, 2020). Inclusive no núcleo familiar de relações inter-raciais, que acabam apagando ou desvalorizando a origem negra frente a idealização branca. Mariah Carey, por exemplo, filha de imigrantes (o pai tem ascendência afro-americana e venezuelana e a mãe é irlandesa) é vista como branca no Brasil e negra nos EUA, ignorando a miscigenação como uma identidade psicossocial. Esse dissenso sobre a própria raça é muito prejudicial, formando uma construção de uma imagem de si fragmentada. Meghan Markle sofre o mesmo processo: “Como somos de pele clara, você não é tratada como uma mulher negra, nem como uma mulher branca, você se

8 unicamp.br/unicamp/noticias/2019/11/08/major-vitoria-do-racismo-e-quando-os-negros-nao-se-reconhecem-como-negros-diz: “A vitória do racismo é quando os negros não se reconhecem como negros”

9 bbc.com/portuguese/internacional-64009276 “Copa do Mundo: por que a seleção argentina é tão branca?”

10 uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/09/08/o-que-e-colorismo-e-como-ele-afeta-a-vida-de-negros-de-pele-retinta.htm “Surgido em 1982, o termo cunhado pela autora Alice Walke diz que a segregação racial aceita mais facilmente pessoas negras de pele clara. Elas não deixam de sofrer racismo, mas podem ser tratadas diferentes de negros retintos”

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 18, n. 2 (2024). ISSN: 1517-7602

encaixa no meio (...) quando comecei a namorar meu marido comecei a entender o que era ser tratada como uma mulher negra”¹¹. Ela diz conscientizar-se como vítima de racismo diante da família real britânica.

No caso de Machado de Assis, a elite branca – apoiada ao racismo estrutural – construiu um perfil de embranquecimento que foi imposto à cultura brasileira do século XIX, e perpetuado até hoje. Além disso, como era “afrodescendente em pleno período escravista, escrevendo em jornais lidos pela elite, trabalhando em empregos públicos e vivendo de aluguel, era natural que Machado não tivesse uma atuação militante e panfletária. Caso contrário, certamente, seria perseguido”¹². Nesta entrevista de 2020 para o Estado de Minas, Eduardo de Assis Duarte nos relembra dos 23 pseudônimos que o autor criou para não ser identificado diretamente a sua raça e assim poder fazer suas críticas, “porque escrevia para um público restrito e elitista, que era o leitor do jornal em seu tempo, já que 84% da população era analfabeta”. Com isso, não há apenas a ausência de heróis negros em seus romances, mas a (re)construção e (re)interpretação deles a partir de uma perspectiva europeia (derivada de uma axiologia cristã). Porém, através de uma leitura mais minuciosa é possível perceber que o autor faz uma desconstrução implícita da elite branca, e busca a crítica social pelas entrelinhas, transformando os protagonistas brancos em anti-heróis: Brás Cubas por exemplo, é um canalha, egoísta, preconceituoso, com complexos de superioridade; e Bentinho um machista, antissocial, misógino e fracassado. É possível dizer nos tempos hodiernos, por exemplo, que Capitu estava presa em um relacionamento tóxico e abusivo.

Então, mesmo sem ser militante (rejeitando o tom panfletário), ele se denuncia contra o sistema vigente da escravatura, sendo irônico e sarcasticamente cáustico frente as elites, mas foi distorcido para se adaptar a ideia de um *escravismo benigno* – emoldurado pelo mito da *democracia racial*. Tal percepção foi construída de forma tão habilidosa que “os brasileiros entendem que é lá fora que existe ódio racial [como no emblemático caso de George Floyd], não aqui. Acreditam que no Brasil vivemos

11 oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2022/08/meghan-markle-diz-que-so-comecou-a-ser-tratada-com-uma-mulher-negra-depois-de-namorar-o-principe-harry.ghtml árvore genealógica da família de Meghan “um historiador australiano descobriu que um ancestral do pai dela teve sua decapitação ordenada por um parente de Harry, o rei britânico Henry 8º”

12 https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/06/26/interna_pensar.1159969/conheca-o-verdadeiro-machado-de-assis-negro-e-critico-da-escravidao.shtml

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 18, n. 2 (2024). ISSN: 1517-7602

numa democracia racial, miscigenados, felizes e sem conflito. Essa é a perversidade do nosso racismo”¹³, que é negado, naturalizado e incorporado ao cotidiano como algo normal, perpetuando sua reprodução. O conto da “mulher pálida” (1881), por exemplo, pode ser facilmente mal interpretado, pois narra a história de um jovem adulto que sai em busca da menina mais pálida do mundo à procura do casamento perfeito. Como Machado de Assis escreve a partir do ponto de vista do escravo (e do escravizado), a história na verdade é uma poética da dissimulação, uma sátira à eterna obsessão brasileira pela branquitude europeia. Nesse caso, criador e criação são intrínsecos, pois o autor constrói a obra, ao mesmo tempo que esta o constrói. E não é só o escritor que é construído pelo que escreve, mas o leitor pelo que se lê.

Como Machado nunca se assumiu como negro (nem escreveu como branco); e a elite escravocrata eram os leitores da época – fazendo com que toda a *finesse* literária do implícito se perdesse entre eles, seja pela ignorância, ingenuidade ou malícia socialmente construída ou pelo privilégio que se nutre do racismo estrutural. Há tantas justificativas para se amenizar a *escravização oficial*, que ela se torna uma *escravização dissimulada*. Em Memórias póstumas de Brás Cubas (1881), Prudêncio, para não ser um excluído social como os outros negros alforriados da época, chicoteia um negro de sua posse da mesma forma que Brás “brincava” com ele quando criança. Por tanto, ele precisa ser visto como uma vítima das circunstâncias sociais e não um algoz dela.

Assim, pode-se especular que para tentarem escapar da opressão/racismo estrutural ou por terem sido embranquecidos por esse sistema, muitos indivíduos negros, especialmente os imigrantes, são obrigados a não serem vistos como tal (perante a sociedade e a si próprios) – justamente para escapar dos estigmas e às violências associadas a esta identificação. Em um mundo racista isso torna-se subjetivamente complexo e confuso, pois ao invés de desenvolver uma identidade com múltiplas camadas de representatividade, carregando todas as histórias, as lutas, as origens, e singularidades de cada um, simplifica-se o “negro” no estereótipo

13 <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas> “A casa grande e a senzala continuam existindo, só que agora com uma tintura de modernidade. O racismo foi sofrendo mutações e se aprimorando ao ponto de ter ganhado uma sutileza que faz com que muitas vezes só seja detectado no detalhe”. Por exemplo, não ficar espantado ou indignado diante da notícia do assassinato de uma pessoa negra ou de sua ausência nos governos, nos tribunais, direção de empresas etc é reproduzir o racismo.

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 18, n. 2 (2024). ISSN: 1517-7602

do inculto, perigoso e periférico ou do exótico, do hipersexualizado etc (sempre negando seu lugar na política, nas empresas, nas universidades e outras instituições de poder). E como Machado de Assis era o oposto disso tudo, e ocupava um lugar de poder, sendo o fundador da Academia Brasileira de Letras, não tiveram outra alternativa a não ser a de embranquecê-lo. Não só metaforicamente, como literalmente, ao forjar a etnia no seu atestado de óbito, em 1908.

O racismo perpetuado contra um dos maiores escritores da língua portuguesa é fruto de um progressivo “apagamento” dos negros e indígenas (o povo originário) na América Latina. No final do século 19 e início do século 20, por exemplo, imigrantes europeus tornaram-se parte de um projeto de “nação mais moderna” (e branca), tanto que as raízes africanas da sociedade argentina “permanecem ocultas para a maioria dos cidadãos, apesar de diversos estudos sociológicos apontarem que entre 4% e 6% da população têm componentes negros em seus genes”¹⁴. Levando isso em conta, a matéria do El País explora as origens e costumes de uma das poucas folias criadas e conservadas por afrodescendentes; o San Baltasar, “onde ainda se conserva o histórico e único tambor de duas peles com o qual se toca a charanda, ou zemba, o ritmo típico dessa festa e o único estilo afro-argentino”. Por isso que entender essa celebração como “a festa dos negros sem negros” é inexato e leva a estereótipos de muitos anos, onde “se apresenta a questão em forma dicotômica e se deixa de lado a mestiçagem que é o que fecundou a América Latina” (op cit).

Essa problemática pode ser exemplificada pela afirmação racista e xenofóbica do presidente da Argentina de que “os brasileiros saíram da selva e os argentinos chegaram de barco”¹⁵. Diferente do discurso da miscigenação que ocorreu no Brasil, impulsionado principalmente por Gilberto Freyre...na Argentina, o fato de negros, indígenas e outras minorias de pele mais escura terem sido contabilizados na mesma categoria racial reforça ainda mais o mito do branqueamento: “Graças ao censo, foi possível invisibilizar e negar a população afrodescendente de maneira legal. Não contabilizadas no censo, essas pessoas de fato não existem para o Estado. Daí criou-se o mito de uma Argentina culturalmente europeia e fenotipicamente branca”¹⁶.

14 https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/07/internacional/1483795840_886159.html

15 <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/06/frase-de-presidente-eco-mito-do-branqueamento-na-argentina-que-apaga-indigenas-e-negros.shtml>

16 [https://www.brasilefato.com.br/2021/01/29/com-nova-categoria-negro-a-censo-argentino-sera-](https://www.brasilefato.com.br/2021/01/29/com-nova-categoria-negro-a-censo-argentino-sera-HumanE) HumanE. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 18, n. 2 (2024). ISSN: 1517-7602

Então, por exemplo, uma pessoa que não tem a pele muito escura ou cabelo crespo não era considerada negra por si mesma ou pelo outro – o que acabou reduzindo/limitando muito o censo demográfico. Uma espécie de *genocídio discursivo* que funcionou como uma via de escape, pois ser negro é o mesmo de ser oprimido...

É preciso não só tirar a dimensão pejorativa da palavra “negro”, como engrandecê-la e enaltecê-la em prol de uma construção subjetiva da negritude como nação, na *sociedade* como um todo e, conseqüentemente, no self do próprio *indivíduo*, através do autorreconhecimento. “Trata-se de perspectivas que se destacam por falar sobre e a partir da margem, a partir do lugar do Outro – essa alteridade que é definida politicamente em oposição a um sujeito hegemônico detentor do poder de autorrepresentar-se e representar a diferença” (Alves & Delmondez, 2015, p. 649). É justamente por isso que um branco não pode falar *sobre* racismo, pois nunca sofreu isso na pele, não conhece e nem entende tal experiência vivida de *dentro*, mas pode (e deve) falar *de* racismo, como um tópico *fora* do seu campo de vivências, mas que o implica dentro do sistema que lhe favorece.

A Identidade do Migrante Negro

Laurentino Gomes enfatiza a necessidade de resgatar a identidade e memória dessas etnias marginalizadas: “A contribuição dos africanos é enorme, não só do ponto de vista econômico, mas na formação do caráter, do comportamento, das crenças religiosas, da culinária, da música, da dança, do jeito de as pessoas se relacionarem umas com as outras; eu diria que a raiz disso é africana”¹⁷. Entende-se então, que as pessoas escravizadas (assim como os imigrantes) foram, e são, protagonistas da história desse país, mas sofreram um apagamento (racial) que se reflete nos livros didáticos e nos livros de história – como se a construção do Brasil fosse exclusivamente branca e europeia¹⁸. É seguindo essa lógica que a montagem “Eu vim de lá”, a principal instalação da mostra de 2022 no Museu da Imigração em SP, procura desconstruir discursos colonialistas e problematizar o termo do “imigrante

[realizado-apos-fim-da-pandemia](#) “a inclusão da categoria 'negro' no censo argentino foi fruto do debate e militância dos movimentos negros”.

17 [bbc.com/portuguese/brasil-57575496](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57575496): História apagou o quanto os escravos enriqueceram o Brasil

18 <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/09/5-figuras-historicas-que-foram-branqueadas-ao-longo-do-tempo.html>: desde Jesus a Cleópatra, seguem-se exemplos do *saber-poder* disciplinar e da produção de “*corpos dóceis*”.

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 18, n. 2 (2024). ISSN: 1517-7602

desejado”. Segundo Barreto (2001) In Roso et al. (2012):

Em geral, o Brasil sempre foi conhecido por ser um país que trata bem o imigrante, sem discriminações, possibilitando a este as condições para a integração. O Brasil é um país composto por várias nacionalidades, uma vez que, muitas vezes, na história, as correntes imigratórias foram incentivadas pelo governo para estimular o desenvolvimento socioeconômico do país (p. 238).

Entretanto, qual o perfil dos imigrantes que foram incentivados pelos interesses econômicos, políticos e sociais do país? Atravessando o racismo e o feminicídio, da necropolítica a *necrofronteira*, quem pode ou não atravessar as barreiras? De acordo com o brasileiro Zé Vicente, artista e produtor da exposição supracitada, o termo se refere aos “europeus estimulados a se mudar para o Brasil no final do século 19, quando as ideologias de branqueamento eram bastante populares (...) No começo do século 20, quem eram os imigrantes desejados pelo Brasil? Quais são os desejados hoje? O que as fronteiras dizem sobre nossos preconceitos?”¹⁹. Afinal, o que é ser imigrante no Brasil? Seríamos nós realmente um povo acolhedor?²⁰ De acordo com o artigo do professor Júlio César Lázaro da Silva (2022) da UNESP, o território brasileiro foi alvo de distintas correntes migratórias ao longo de sua história, sendo mais receptivo aos Europeus e a mão de obra escrava:

O Brasil recebeu aproximadamente seis milhões de imigrantes [de portugueses, italianos, espanhóis, japoneses, alemães e eslavos], se tomarmos como referência a chegada dos portugueses no ano de 1500. O número preciso de africanos de diferentes etnias que foram obrigados a migrar ao país em virtude da escravidão é desconhecido, sendo estimado em até quatro milhões de indivíduos

Tendo isso em vista, João Cabral de Melo Neto questiona:

Você fala em povo. Mas o que é povo? O que é o povo brasileiro? O que é o povo de qualquer país? É uma quantidade enorme de pessoas, com interesses contraditórios. Como falar em nome do povo? Você fala em nome de uma classe, em nome de uma ideia – que pode estar no povo²¹.

A psicologia social preza pelo importante papel da cultura na explicação dos fenômenos individuais e coletivos, onde a ação de uma política pública com viés

19 <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/05/imigrantes-perguntam-o-que-e-um-imigrante-desejado-em-exposicao-em-sao-paulo.shtml> Não é incomum confundir o perfil de quem é *criminalizado* com o perfil dos *criminosos*, transformando indivíduos *em* risco nos sujeitos *de* risco.

20 A resposta é não, se levarmos em conta que de “10,1 mil acolhidos, apenas 5,1 mil residem em território nacional”: g1.globo.com/mundo/noticia/mais-da-metade-dos-refugiados-reconhecidos-pelo-brasil-podem-ter-deixado-o-pais.ghtml E o caso do Congolês morto no quiosque da Barra continua a assombrar pela violência: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/congoles-morto-em-quiocque-na-barra-veja-que-ainda-falta-ser-explicado-sobre-crime-25377193.html>

21 Trecho de uma entrevista feita pelo jornalista Geneton Moraes Neto, em 1986, e postado em seu site em 10/06/2007 (www.geneton.com.br)

cultural, por exemplo, suscita o questionamento sobre a própria cultura em si. No exercício de refletir sobre esse termo, percebe-se sua intrínseca relação com a questão migratória e o racismo que acompanha tal processo. Com o fim da escravidão, – longe de ser extinto ou deixar de existir –, o racismo apenas deixou de ser tão explícito como era antes da lei áurea. Houve uma modificação na sua legitimação, permitindo assim, atos hediondos contra certas minorias, como no caso de George Floyd (que gerou movimentos antirracistas ao redor do mundo) e a morte brutal do congolês no quiosque na Barra. Então, certas nações, como os EUA e a Europa (através da imposição do modelo eurocêntrico como padrão moralmente aceito) se apoiaram na cultura e na moral para justificar e explicar porque uma cultura seria superior/inferior a outra. O que afeta diretamente os migrantes e refugiados dos países mais pobres e marginalizados. Portanto, não se fala mais em superioridade branca, se fala agora em superioridade cultural. Jessé Souza (2017), em seu livro “A elite do atraso”, mostra como o racismo, que antes era defendido cientificamente, foi substituído, no século XX, pelo *culturalismo*:

Onde reside o racismo implícito do culturalismo? Ora, precisamente no aspecto principal de todo racismo, que é a separação ontológica entre seres humanos de primeira classe e seres humanos de segunda classe. (...) Afinal, as classes superiores são as classes do espírito, do conhecimento valorizado, enquanto as classes trabalhadoras são do corpo, do trabalho braçal e muscular, que as aproxima dos animais. O homem é percebido como espírito, em oposição às mulheres definidas como afeto. Daí a divisão sexual do trabalho, que relega as mulheres ao trabalho invisibilizado e desvalorizado na casa e no cuidado dos filhos. Nós não refletimos nunca acerca dessas hierarquias, assim como não refletimos sobre o ato de respirar. É isto que as fazem tão poderosas: elas se tornam naturalizadas. Esquecemos que tudo que foi criado por seres humanos também pode ser refeito por nós (p. 16).

O Olhar Estrangeiro

O artigo de Mizrahi (2018) mostra como Mr. Catra se voltou ao judaísmo como potência política e criativa, já que Israel foi o “único país que levou o negro para dentro, mas não para escravizar e sim para o acolher (...) Não existiria lá, como existe aqui, o filho da classe média que se define no mundo a partir dos privilégios que herda e aprende em casa”. Em contraponto, no Brasil, a elite que dita os rumos da política brasileira jamais reviu sua herança escravocrata, de modo que o racismo se tornou uma questão estrutural, pois permeia todos os sistemas e subsistemas que compõem a vida social nacional. Portanto, quando Lombroso acreditou ter achado o

perfil do *criminoso*, ao analisar os presos, ele encontrou, na verdade, o perfil do *criminalizado*. Se o estudo de Lombroso tivesse se passado nas prisões brasileiros, a triste realidade é que o perfil do criminalizado seria de jovens negros, imigrantes e de baixa escolaridade. As prisões não se tratam mais de punir quem comete crime, mas sim de punir determinado grupo social. Entretanto, para se entender como o racismo e a xenofobia perpetuam-se na atualidade, é preciso olhar para o passado, começando pelo projeto escravocrata da corte portuguesa...

Não é novidade que o centro antigo do Rio foi um dos maiores portos de entrada de escravos das Américas, mas pouco se sabe do Cemitério dos Pretos Novos (cimentado sob os bairros da Gamboa e da Saúde, sob séculos de esquecimento). Esse sepulcrário na verdade consistia em um lugar cercado, onde os mortos eram queimados ou deixados insepultos, em covas rasas ou mesmo abertas, com corpos empilhados e abandonados à decomposição. Os pesquisadores calculam que lá tenham sido enterradas, pelo menos, de 20 mil a 30 mil pessoas²². Os corpos reaparecem aos poucos, em escavações, análises de ossos, dentes e objetos. Inclusive, na construção do VLT em 2016, que passa em cima dessa memória soterrada deixada pela escravidão. Poderia ter sido feito um monumento memorial (como acontece nos centros de concentração do holocausto), mas “em vez de dar visibilidade a sua história, o bispo prefeito preferiu esconder o cemitério dos cariocas (...) as obras do centro do Rio não podem ser tratadas apenas como questão de mobilidade urbana, mas de uma relação com a história da cidade”²³. A reportagem do Intercept segue relatando que “quando chovia forte no centro do Rio de Janeiro dos séculos 18 e 19 era comum que corpos mortos e apodrecidos de pessoas escravizadas boiassem na enchente [por conta das covas rasas]. Quando não era o corpo inteiro, muitas vezes os passantes cruzavam com pernas e braços dilacerados, vagando pelas esquinas”, como se o passado estivesse gritando para ser ouvido pelo presente. Os mortos já tinham sido (mal) “enterrados”, com quase nenhuma terra sobre seus corpos, mas a chuva ia desenterrando-os, como se estivesse jogando de volta à sociedade aquilo que ela tenta esconder, apagar.

22 <https://oglobo.globo.com/saude/ciencia/um-drama-sob-chao-da-cidade-3273683>

23 <https://www.intercept.com.br/2019/01/23/vlt-cemiterio-escravos-prefeitura>

Em contrapartida, é contrastante o cuidado com que se tratava o sepultamento de esfinges e faraós, por exemplo, envolvendo alquimias complexas e habilidades especializadas de cromatografia gasosa, acoplada à espectrometria de massa; com gorduras animais, cera de abelha, betume, óleos e resinas vegetais etc para preservar o corpo dos mortos por séculos. Como será visto no próximo capítulo com Antígona, um enterro (seja para os deuses ou para a família) com as devidas honrarias póstumas é de extrema importância para quem fica. Os embalsamadores, considerados sacerdotes-médicos na época, empregavam mais produtos naturais do que se pensava – não se fixando apenas na manutenção da aparência exterior, mas também removendo os órgãos internos. Além disso, os antigos egípcios também mumificavam animais, como vacas e gatos²⁴. Enquanto isso, os escravos eram jogados em uma vala. No fundo, é o grupo social que escolhe quais memórias manter e quais apagar. Perde-se a individualidade não só em vida, mas em morte também, pois os ossos de um se misturam com os de outro (assim como acontecia no holocausto). Sem o rito fúnebre das pessoas que vinham escravizadas e eram jogadas do navio negreiro, não se perde só as memórias e origens das próximas geração, mas se apaga um registro importante da história, de um passado povo originário. Que como qualquer um, merece ser recordado. Além disso, algumas memórias não são apenas destruídas, mas modificadas, manipuladas, amenizadas, embranquecidas...E não é só o apagamento dos registros, como o excesso de informações e estímulos, que faz com que a memória se dissipe, e dissolva-se pelos séculos.

Em 1826, o autor francês Jean-Baptiste Debret pintou o “Enterro de uma negra católica chegando à Igreja da Lampadosa”, retratando a cena de um enterro diante da fachada de uma igreja construída por uma irmandade de negros católicos. Nesse caso, a morte é disfórica, há uma ruptura da continuidade da vida. A celebração eufemística representa o fim da vitalidade humana, em tom de despedida. Porém, há uma outra obra do autor; “Enterro do filho de um rei negro” (1839), que serve como uma antítese da pintura supracitada, pois nos mostra uma morte eufórica, como continuidade prolongada da vida, sendo essa intensa e extensa. O funeral, longe de ser uma despedida, é uma celebração, uma performance, um ritual, a reiteração de

24 publico.pt/2001/11/02/jornal/cientistas-identificam-produtos-usados-na-preservacao-das-mumias-egipcias-163678

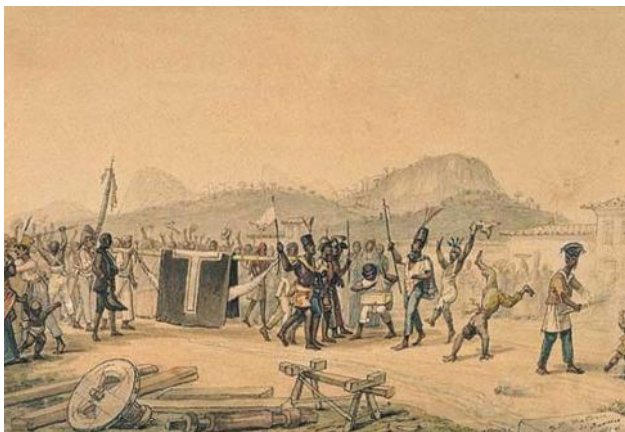
HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 18, n. 2 (2024). ISSN: 1517-7602

um legado cultural – afirmando a vida ao invés de negá-la. Revelando uma cultura que despede de seus mortos por meio do movimento de seus corpos em dança. Ambas as obras se encontram abaixo, respectivamente. De acordo com Ulhoa (2019):

De início, destaca-se o fato de que nenhum indivíduo branco aparece retratado nesta cena, o que demonstra que provavelmente Debret se propôs a delinear um momento íntimo e pertencente apenas aos africanos e a seus descendentes (...). É como se essa flexibilidade fosse permitida devido à ausência da figura dominadora branca, ao que se soma o sentimento de pertencimento que pode estar associado à experiência propiciada por um rito fúnebre perpassado por referenciais simbólicos relacionadas à identidade afro-brasileira (p.26).

A autora do artigo afirma que Debret esteve no Brasil no início do século XIX para retratar “vários aspectos da sociedade brasileira da época, entre os quais a vida e os costumes da população africana e afro-brasileira em situação de escravidão” (op, cit). Porém, mesmo com os importantes registros de uma cultura que está sendo constantemente apagada, é importante lembrar que sua obra percebe as colonialidades construídas a partir de uma perspectiva eurocêntrica, sendo inclusive um projeto a “serviço da monarquia brasileira que visava atender os anseios da elite colonial dentro um projeto de nação que visava apresentar a imagem de um Brasil civilizado a partir de um modelo europeu” (op. cit). Dentro desse contexto, pode-se especular o lugar e o papel destinados ao negro africano nessa dinâmica e como os ecos da escravização reverberam na crise humanitária dos processos migratórios.





Todo Patriota é a Ruína de um Migrante

Numa folha de prancheta anotei meu nome, meu documento, e nesse gesto tão simples senti que retornava a mim mesmo: Sebastián, não mais um borrão, não mais um anônimo a vagar por ruas austeras. Só então, situado em meu corpo, comecei a compreender o espaço que me cercava, aquele reduto de sombras onde meus olhos descansavam do ofuscamento externo (Fuks, 2019, p.10).

Com uma linguagem despojada, intimista, lírica, de prosa fluida realista e simples (atravessada pelo viés da autoficção), o narrador em primeira pessoa descreve em tom político e de reflexão pessoal, a ocupação do Hotel Cambridge, abandonado no centro de São Paulo por refugiados e sem teto. O desabamento e a ruína descritos em “Ocupação” (2019) servem de resistência e residência artística. Mia Couto “aparece” como um personagem no livro junto do narrador, como a figura do intelectual que tenta se fundir ao povo numa convergência de ideias e habitações. Esse romance-novela mostra como a política tem invadido os domínios da intimidade pela capacidade de capturar as vozes dos outros, compondo a história do seu próprio país – feito *por* migrantes, mas não *para* eles: “Sim, já escrevi sobre um exílio [sobre vidas desgarradas], foi a única parte da frase que me atrevi a confirmar, enquanto tentava assimilar a estranheza daquela imagem, a árvore monstruosa que não perdera suas raízes mesmo quando brutalmente decepada” (p.11).

O narrador segue descrevendo a história de Najati, um refugiado da Síria, exilado em São Paulo. Ele era um dos muitos que andava com as mãos tapando os ouvidos por conta dos barulhos das bombas que explodiam longe e perto de sua casa, em um ruído atormentador. Frente a esse relato, um importante questionamento que a psicologia (tanto social como individual) deveria se fazer é:

“que palavra impossível lhe daria algum alívio, um conforto estéril? (...) pensei pela primeira vez que aquele não era um homem, que aquilo não era um homem, era só as suas ruínas” (p.12). Parafraseando o próprio Fuks em uma possível resposta; fazia tempo que a literatura não se mostrava tão urgente e expressiva. Ainda mais para tratar assuntos dessa ordem de importância.

No início do romance, o narrador encontra um menino novo demais para ser sua própria ruína frente aos demais homens da cidade que eram descritos como restos de algo que não existe mais: “Todo homem é a ruína de um homem (...) Soube pelas palavras repetidas, pelas frases truncadas, pela voz que era também a ruína de uma voz. Não olhei os seus olhos, nos seus olhos não cheguei a procurar a minha própria imagem” (p.8). Nesse trecho final é possível perceber um padrão perante os autores supracitados (literários e teóricos), que atesta a tese principal desse artigo, onde o Eu sempre se implica no Outro, mesmo em caso de negação (seja como auxiliar, adversário, objeto de desejo ou repulsa) – principalmente nos casos de refúgio, pois atinge e cutuca com força a raiz de nossa ancestralidade, ascendências e construção identitária dentro de uma nação globalizada. Afinal, “toda família tem, se recuarmos o bastante no tempo, uma infinidade de deslocamentos em sua gênese. Toda a humanidade é feita desse movimento incessante, e só existe tal como a conhecemos graças a esses deslocamentos” (p.45). Portanto, toda violência contra o Outro é uma violência contra nós mesmos.

Então, em uma análise bem freudiana, é só quando não conhecemos ou compreendemos o Outro, que nos tornamos capazes das violências mais extremas. Porém, se a opressão é expansiva, a resistência também atravessa fronteiras. Em um exercício similar ao de Clarice Lispector, o narrador diz: “assim esqueço de mim por um instante, esqueço dos meus e me faço outro” (p. 44). Em outro momento o alter-ego do escritor relata: “E então, com o intruso entre nós [metáfora para o migrante?], esse corpo amalgamado se cindiu por um momento. Talvez fosse nesse instante já a disparidade, já a distância, mas o caso é que por alguns meses pudemos voltar a experimentar o encanto da diferença, o prazer da fricção, o gozo do estranhamento” (p.17). Dessa forma, através do recurso do fluxo de consciência, o narrador imerge na história de Najati, que revela o desejo disparatado de retornar para casa, de ver sua terra ainda que devastada: “Não se lia a Síria nos textos de Najati, a princípio não se

lia a guerra, a destruição, a ruína maior em sua dimensão histórica. Era nas pequenezas cotidianas que se revelava a imensidão da desgraça. Na posse do corpo e na desposseção, na privação do corpo ou de tudo o mais” (p.22).

Considerações Finais

Para finalizar esse artigo, apresenta-se a ONG do PSM (Projeto de Saúde Mental), descrito no artigo de Pereira (2018) como contribuinte “para a integração social de refugiados e solicitantes de refúgio no país de acolhida por meio da redução dos traumas psicológicos e transtornos emocionais, levando em conta seu contexto cultural e de migração” (p. 82). A experiência do PSM trabalha a categoria do trauma, pressupondo uma apreensão dos sofrimentos passados – os eventos traumáticos que motivaram o deslocamento forçado. Porém, os refugiados que lá se encontram parecem não “remontar ao passado quando questionados sobre suas dificuldades – e isso pode ser atestado inclusive nas falas dos agentes do serviço de saúde mental, que reconhecem língua e emprego como as principais dificuldades desses sujeitos” (p. 86). Para além do quesito “prático” em relação as questões linguísticas da comunicação com os nativos do país, também são intrínsecas à questão identitária dos falantes para com suas vivências culturais. Por conta disso, não é anormal que ao passarem por situações traumáticas, eles dizem “não ter traumas” – em um claro ato de resistência para se enfrentar o sofrimento – aliado ao fato do idioma ser uma das principais dificuldades enfrentadas pelos migrantes (Oliveira e Silva, 2017). Sobre esse último artigo, relata-se um caso em que o migrante Sírio não soube especificar a hora dos bombardeios que o fizeram abandonar sua casa, pois ele não tinha relógios e nem o costume de contar as horas. Esse simples e banal fato de parcelar o tempo muda toda a forma como ele se comunica e se percebe no mundo, pois seu tempo não é o mesmo do nosso, é movido por traumas, silêncios e violência, mas não por horas.

Como um significante da identidade e do pertencimento cultural, a língua frequentemente existe em conflito, contradições e ambiguidade em relação às expectativas e demandas de se viver em uma sociedade como um todo. Isso está relacionado à escolha dos estilos de vidas e das múltiplas identidades adotadas por indivíduos ou grupos de pessoas vivendo em diferentes sociedades como parte do processo de autodefinição (Rassool, 1998, p. 95)

Por isso é crucial que o refugiado tenha a oportunidade de contar sua história a partir do seu ponto de vista (do seu lugar de fala) e de suas perspectivas psicossociais – levando em conta aspectos históricos, políticos e culturais do país de origem – como no exemplo das entrevistas com o oficial de elegibilidade para o processo de solicitação de refúgio. Geralmente a entrevista é feita com outros imigrantes que já conseguiram o status de refugiado. Porém, nos casos das solicitações de refúgio pautados em perseguição por identidade de gênero ou orientação sexual por exemplo, como falar abertamente e em detalhes sobre um tema que ainda é um tabu tanto no país de origem quanto no de destino? A contradição está no fato de ter que se contar uma história traumática que não é possível ser acessada diretamente.

Outro fator que pode aumentar (ou de repente, diminuir) as barreiras da resistência ao acessar a própria história deriva do seguinte relato: “a coordenadora do PSM me disse em nosso primeiro encontro que ‘os refugiados descobrem que são negros no Brasil’, referindo-se à forma como o preconceito racial ‘revela’ a esses sujeitos o ‘fato’ de que eles são negros” (Pereira, 2018, p. 87). Ou seja, antes de chegarem ao Brasil, esses refugiados nunca haviam refletido sobre questões raciais. Pertinente notar ainda que o trauma de um xenoracismo se faz presente de forma implícita e/ou explícita e nesse caso é inerente à condição do refúgio, em uma espécie de “evidência do corpo”, “traumatização da experiência”, ou de “conceitualização do evento passado como uma cicatriz dolorosa” (Fassin e Rechtman, 2009, p. 22).

A escolha por finalizar essa pesquisa com o artigo de Pereira (2018) se dá pelo fato dele chegar a mesma conclusão desse texto. Então se o trauma nos revela sofrimentos passados que levaram o migrante até o país de destino, o xenoracismo evoca dores do presente-futuro neste mesmo país – chegando ao ponto em que a segunda dor pode esvaziar (ou potencializar e acumular) a primeira. Parafraseando Pereira; ao só se ver o refúgio negro, não se vê o refúgio branco; enquanto que ao não se ver o refúgio negro só se vê o refúgio branco. Portanto, ao trazer esses relatos sobre as vivências díspares dos refúgios dentro de suas respectivas etnias, que pasteuriza existências desiguais, estamos completando um dos objetivos dessa pesquisa: não homogeneizar as experiências múltiplas da migração.

Bibliografia

- ALVES, Cândida Beatriz & DELMONDEZ, Polianne. (2015). Contribuições do pensamento decolonial à psicologia política. *Revista Psicologia Política*, vol. 15
- BALIBAR, E. (2021) WALLERSTEIN, I. *Raça, nação, classe: As identidades ambíguas*. 1 ed. Boitempo Editorial: SP
- BARATTA, A. (1999). *Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal*. Editora Revan. p.38 - 40
- DARIVA, Lima (2022). O pensamento de aníbal quijano e Enrique Dussel: crítica à Modernidade como aporte decolonial. *Revista Interdisciplinar*, Editora Caderno Cajuína. V. 7 N. 2 ANO 2022 ISSN: 2448-0916
- DUSSEL, E. (2018). Direitos humanos e ética da libertação: Pretensão política de justiça e a luta pelo reconhecimento dos novos direitos. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, p. 121-136
- FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard (2009) *The empire of trauma*. Princeton University Press
- FAUSTINO, D. M., & OLIVEIRA, L. M. (2021). Xeno-racismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. *REMHU: Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana*
- FREUD, S. (1976). A dissecção da personalidade psíquica. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol.22). Rio de Janeiro:Imago. (Originalmente publicado em 1933)
- FROMM, E. (1992). *A descoberta do inconsciente social*. São Paulo: Manole.
- FUKS, J. (2019) *A Ocupação*. Companhia das Letras, São Paulo.
- GOMES, L. (2019) *Escravidão vol 1*. São Paulo: Companhia das Letras
- PAULI J. COMIN L. C. RUFFATTO J. OLTRAMARI P. A. (2021) *Relação entre trabalho precário e racismo para migrantes no Brasil*. *Cad. EBAPE.BR*, v. 19, nº 2, Rio de Janeiro.
- PEREIRA A. B. (2018). O Refúgio Do Trauma. *Notas Etnográficas Sobre Trauma, Racismo E Temporalidades Do Sofrimento Em Um Serviço De Saúde Mental Para Refugiados*. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília*, v. 26, n. 53, p. 79-97
- RASSOOL, N. (1998) Postmodernity, cultural pluralism and the Nation-state: problems of language rights, human rights, identity and power. *Language Sciences*. Vol. 20, No. 1, pp. 89-99.
- ROSO, A., BERVIAN, L. (2012). *Imigração e Políticas Públicas: Um Estudo Com Imigrantes Argentinos e Uruguaios*. *Sociais e Humanas Santa Maria*, v.26, n.02, mai/ago p. 229-242
- RUPPERT, F. (2018). *Quem sou eu numa sociedade traumatizada*. Stuttgart: Kösel Verlag.
- MARTINS, F. D. (2020) *Quando Não Se Pode Mais Conviver*. *Revista de Historia*. (São Paulo), n.179, r01419, p. 1-09.
- MIZRAHI, M. (2018). Mr. Catra e sua vontade pela margem: Judaísmo, negros e brancos na formação de um artista não erudito. *Religião & Sociedade*, 38(3), 19–40
- MOURA, C. (2020) *Sociologia do negro brasileiro*. Editora Perspectiva.

OLIVEIRA, G. M., SILVA, J. I. (2017). Quando barreiras linguísticas geram violação de direitos humanos: que políticas linguísticas o Estado brasileiro tem adotado para garantir o acesso dos imigrantes a serviços públicos básicos? *Gragoatá, Niterói*, v. 22, pp. 131-153.

SOUZA, J. (2017). *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya.

QUIJANO, A. (2005) *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Editora CLACSO.

ULHOA, C. A. (2019). Os Recipientes Atribuídos Aos Africanos E A Seus Descendentes Nas Obras De Debret Como Reveladores De Colonialidades E Agenciamentos. *Revista Mosaico*, v. 12, p. 14-36.